https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.15814

Povo Katitãuhlu: um diagnóstico sociolinguístico da vitalidade resistência e linguística

The Katitãuhlu people: a sociolinguistic diagnosis of vitality and linguistic resistance

Monica Cidele da Cruz[1]
Universidade do Estado de Mato Grosso

Rita de Cassia Beck de Oliveira[2]
Universidade do Estado de Mato Grosso

Rosymere da Silva Rodrigues[3]
Universidade do Estado de Mato Grosso

Mariana da Silva Tomadon[4]
Universidade do Estado de Mato Grosso

Como citar este trabalho:
CRUZ, M. C. da.; OLIVEIRA, R. de C. B. de; RODRIGUES, R. da S.; TOMADON, M. da S. Povo Katitãuhlu: um diagnóstico sociolinguístico da vitalidade resistência e linguística. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 68-75, 2026.

RESUMO: Este artigo apresenta um diagnóstico sociolinguístico da língua Katitãuhlu, falada pelo povo anũsu (Nambikwara do Sararé, MT), com cerca de 200 falantes. A partir de diagnóstico in loco, mapeou-se o uso da língua por faixa etária e domínio social e descreveu-se seu sistema fonético. Os resultados indicam forte manutenção do Katitãuhlu na esfera familiar, transmissão intergeracional garantida e bilinguismo funcional, com apenas quatro falantes monolíngues. A análise estrutural revela um sistema de 54 vogais e quatro tons. O estudo reafirma a resistência linguística do povo anũsu e oferece subsídios ao planejamento linguístico e à revitalização de línguas ameaçadas.
PALAVRAS-CHAVE: Nambikwara. Katitãuhlu. Sociolinguística. Vitalidade Linguística.

ABSTRACT: This article presents a sociolinguistic diagnosis of the Katitãuhlu language, spoken by the anũsu people (Nambikwara of Sararé, MT), with about 200 speakers. Based on an in loco diagnosis, the study mapped language use by age group and social domain and described its phonetic system. Results show strong maintenance of Katitãuhlu in the family sphere, guaranteed intergenerational transmission, and functional bilingualism, with only four monolingual speakers. The structural analysis reveals a system of 54 vowels and four tones. The study reaffirms anũsu linguistic resistance and offers input for linguistic planning and the revitalization of endangered languages.
KEYWORDS: Nambikwara. Katitãuhlu. Sociolinguistics. Linguistic Vitality.

[1] Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1993), Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2005) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2012). É docente do curso de Licenciatura Intercultural/FAINDI-UNEMAT, do programa de pós-graduação em Linguística - PPGL e do programa de pós-graduação em "Ensino em Contexto Indígena Intercultural -PPGECII. Atualmente é coordenadora do Centro de Línguas Ameríndias -CLAM/UNEMAT. E-Mail: monicacruz@unemat.br
[2] Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) (UNEMAT-Cáceres), Mestrado em Educação (Unemat/2023), graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (2023), graduada em Pedagogia (UNIGAG-2004). Professora de Educação Superior (UNEMAT-FALCAS). E-Mail: rita.oliveira@unemat.br
[3] Possui graduação em Letras - Português (Unemat-2004). Atualmente é professora da Secretaria Municipal de Educação de Conquista D'oeste. E-Mail: rosymere.rodrigues@unemat.br
[4] Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) (UNEMAT-Cáceres). Graduada em licenciatura plena em Pedagogia (Unemat/Juara), licenciada em Letras - Português/Literatura (UNINTER/Curitiba), pós-graduada em Alfabetização e Letramento, pela Faculdade São Luís/SP. Mestra em Letras pelo PPG-Letras/ Unemat -Sinop, na linha de pesquisa Estudos Linguísticos. É professora interina do curso de Pedagogia da UNEMAT/Juara. Atua como pesquisadora do Grupo de Pesquisa LaPPE - Laboratório de Pesquisa em Políticas Públicas e Educação, participa também do GPNEL - Grupo de Pesquisa Narrativa em Ensino-aprendizagem de Línguas, cadastrados no CNPQ. E-Mail: mariana.tomadon@unemat.br

Introdução

O povo Katitãuhlu, que se autodenomina anũsu ou anũa (gente/pessoa), é um dos grupos pertencentes à vasta família linguística Nambikwara e ocupa uma área crucial no oeste de Mato Grosso. Eles são mais especificamente identificados na literatura como os Nambikwara do Sararé, em referência à Terra Indígena onde majoritariamente residem. A língua Katitãuhlu faz parte do que se convencionou chamar de Complexo Dialetal do Nambikwara do Sul (BORELLA, 2002), possuindo laços com outros grupos do Vale do Guaporé. No entanto, suas singularidades fonéticas, que são o objeto central deste artigo, atestam sua distinção e a urgência de sua documentação detalhada.

A história dos Katitãuhlu é inseparável do avanço das "frentes de progresso" sobre o sertão brasileiro, começando no século XIX. O contato sistemático, com efeitos devastadores, intensificou-se no início do século XX com a Comissão Rondon (a partir de 1906). Sob a égide do positivismo, estabeleceu-se uma política de "pacificação" que inaugurou uma era de intensa invasão territorial e subsequente desagregação social. Foi a partir de Rondon que os grupos indígenas da região passaram a ser designados coletivamente como "Nambikwara," ignorando as autodenominações e as diferenças internas. Tal situação reflete a dinâmica em que, historicamente, a política linguística é aplicada, ignorando a vontade dos falantes, de modo que "o poder dos grandes grupos pode intervir no peso das línguas, na sua presença simbólica" (CALVET, 2007, p. 73). O contato, impulsionado pelas expedições de Rondon e, posteriormente, pela atração do garimpo, resultou em um colapso demográfico, reduzindo a população Nambikwara de cerca de 20.000 para aproximadamente 600 na década de 1920.

A segunda grande onda de impacto ocorreu após a década de 1960 com a abertura da BR-364, que cortou o território Nambikwara, facilitando o acesso de fazendeiros e garimpeiros à região. O avanço dessas frentes resultou na redução e fragmentação do território Katitãuhlu, que hoje se concentra nas Terras Indígenas Sararé e Paukalirajausu. A luta pela demarcação desta última tem sido alvo de contínua disputa, reforçando que a luta pela terra está intrinsecamente ligada à luta pela manutenção de sua língua e cultura.

É neste contexto de trauma histórico, resistência territorial e reorganização social que a vitalidade da língua Katitãuhlu se manifesta. A população atual, de cerca de 200 falantes (SESAI, 2023), concentra-se em seis aldeias, e sua sobrevivência linguística desafia o prognóstico de desaparecimento. A urgência desta pesquisa é reforçada pelo cenário nacional, onde o número de línguas indígenas sofreu uma "redução drástica, por extinção, de 85% ou mais, na diversidade indígena do Brasil" (RODRIGUES, 1993, citado por TOLEDO; MIRANDA, 2021, p. 3).

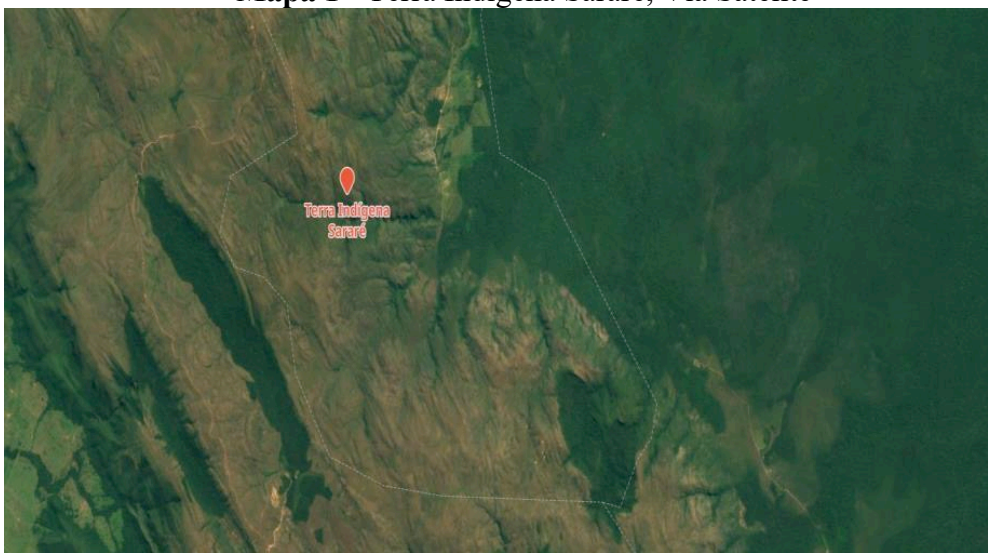
A intensificação do contato interétnico e a presença de instituições não indígenas (escola, posto de saúde) impõem ao povo Katitãuhlu a adoção da língua nacional, levantando a questão crucial sobre a resiliência de sua língua ancestral. Em quais espaços sociais o Katitãuhlu se movimenta e como ocorre essa dinâmica?

A pesquisa aponta que a língua Katitãuhlu é amplamente utilizada em quase todos os espaços sociais internos (família, cotidiano, práticas culturais e rituais como Furação do Nariz, Funeral e rituais Para Crescimento). O Português se restringe a interações com a sociedade envolvente e em contextos formais. A dinâmica se manifesta, portanto, em um regime de bilinguismo funcional, onde o Katitãuhlu é a língua dominante e culturalmente preferencial. A transmissão intergeracional está assegurada, com a língua ancestral sendo o código dominante da esfera doméstica, apesar da forte presença do Português no ambiente externo.

O objetivo central deste trabalho é, portanto, realizar uma análise da vitalidade sociolinguística da língua Katitãuhlu, mapeando em quais espaços sociais ela se mantém em uso, especialmente em contextos de brincadeiras e práticas culturais. Paralelamente, o estudo visa a uma descrição preliminar de suas características fonéticas, notadamente o sistema vocálico e tonal. A meta é registrar o diagnóstico da língua e apresentar os resultados dos dados quantitativos e qualitativos levantados, incluindo as características fonéticas das vogais e o sistema tonal da língua, demonstrando a complexidade estrutural (54 vogais e quatro tons) que a torna uma língua singular no panorama das línguas indígenas brasileiras.

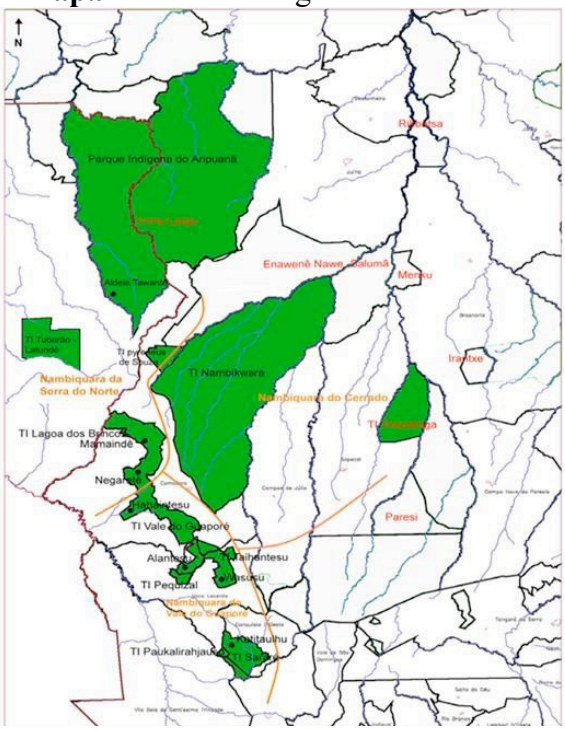
Para melhor visualizar o local do território segue um mapa com identificação dos territórios Nambikwara e o povo Katitãuhlu (Sararé).

Mapa 1 - Terra Indígena Sararé, Via Satélite



Fonte: Sérgio Beck de Oliveira (2023): Google Earth pro, em 09/07/2022.

Mapa 2 - Terras Indígenas Nambikwara



Fonte: Costa (2009).

Discussão dos dados

A discussão dos dados engloba a análise multifacetada obtida através do diagnóstico sociolinguístico realizado diretamente no território do povo anũsu e a investigação estrutural de sua língua. Este conjunto de informações permite avaliar a vitalidade do Katitãuhlu frente às pressões externas e dimensionar sua complexidade interna.

Qualitativos e metodológicos

O diagnóstico sociolinguístico *in loco* revelou que a língua Katitãuhlu é, inequivocamente, a língua doméstica e culturalmente dominante, um fato que atesta a notável resistência do povo anũsu. Esta conclusão é crucial para contextualizar a discussão sobre Mobilidades e Contatos Linguísticos no Brasil, conforme a perspectiva de Freitag e Savedra (2023), mostrando que o contato não resultou em substituição, mas em negociação e manutenção.

É neste sentido que a língua Katitãuhlu se manifesta como um ato de resistência linguística em um ambiente de contato intenso. Segundo Louis-Jean Calvet, essa dinâmica é esperada onde há oposição à língua dominante:

> As escolhas [em política linguística] são extremamente diferentes e suas ambições são excessivas, se se confrontarem com as escolhas *in vivo* em favor do contrapé da gestão *in vivo* ou dos sentimentos linguísticos dos falantes. Será, por exemplo, difícil impor a um povo uma língua nacional que não queira ou que não acredite ser uma língua, mas sim um dialeto. Seria igualmente pouco coerente tentar impor para essa função uma língua minoritária, se já existir uma língua veicular amplamente utilizada. (CALVET, 2007, p. 71).

A manutenção da língua Katitãuhlu no cotidiano é a prova de que a "gestão *in vivo*" é a preferência da comunidade, resistindo à imposição de uma única língua.

A transmissão intergeracional é um pilar da vitalidade do Katitãuhlu, sendo a língua primariamente adquirida e falada no ambiente familiar. O fato de as crianças estarem expostas ao Katitãuhlu como primeira língua é o principal indicador de que a língua não corre risco iminente de extinção, apesar da baixa população de falantes.

O bilinguismo funcional observado nas gerações mais jovens e adultas é interpretado como uma adaptação pragmática, e não um abandono. Os falantes utilizam o Português como ferramenta de interação com o mundo não indígena ("kajatisu") e em contextos formais, mas reservam o Katitãuhlu para a coesão social, o cotidiano e, sobretudo, para as práticas rituais. A língua, portanto, assume o papel de veículo insubstituível para a manutenção da identidade e da cosmovisão. Ela é indispensável para as práticas rituais, como o Funeral e as cerimônias de Furação do Nariz, conferindo-lhe uma dimensão de sacralidade e pertencimento que o Português não pode assumir.

No plano da estrutura linguística, a análise corrobora a complexidade do tronco Nambikwara. Conforme os estudos de Borella (2002), a língua Katitãuhlu apresenta uma Morfologia Verbal Complexa, marcada por uma intensa e produtiva afixação, predominantemente por sufixos, o que a distingue tipologicamente de outras famílias linguísticas da Amazônia.

O aspecto mais notável da estrutura é a fonologia. Enquanto Kroeker (2003) forneceu a base para a compreensão da família Nambikwara do Sul, a pesquisa específica

em Katitãuhlu de Oliveira e Quintino (2024) aprofunda esta descrição, evidenciando uma estrutura vocálica e tonal de altíssima complexidade.

Quantitativos e estruturais

Os dados numéricos confirmam a complexidade estrutural. A pesquisa de Oliveira e Quintino (2024) identificou um sistema com 54 vogais fonéticas, resultantes de combinações de traços articulatórios como oralidade, nasalidade, prolongamento (duração), laringalidade (glotalização) e nasalidade laringal. Esta quantidade de vogais é excepcionalmente alta no cenário mundial e sul-americano.

Além da diversidade vocálica, o sistema prosódico é igualmente complexo. A pesquisa revelou a ocorrência de quatro tons (alto, baixo, crescente e decrescente), que são distintivos de significado (semântico-morfológicos). Este achado atualiza e complementa as descrições anteriores para o Nambikwara do Sul (KROEKER, 2003), reforçando a necessidade de estudos aprofundados sobre a funcionalidade tonal na língua.

Os dados demográficos indicam que a comunidade Katitãuhlu é pequena, totalizando cerca de 200 falantes (SESAI, 2023). Esta baixa densidade populacional realça a importância da documentação e do fortalecimento da língua, dada a vulnerabilidade inerente a grupos pequenos e as pressões históricas sofridas.

O fato de apenas quatro anciãos terem sido identificados como monolíngues na língua ancestral corrobora a conclusão sociolinguística: a comunidade se move em direção a um bilinguismo generalizado, mas mantém o Katitãuhlu como a língua primária de socialização, garantindo que o conhecimento de sua complexa estrutura linguística e de sua herança cultural continue a ser transmitido.

Considerações Finais

O povo Katitãuhlu, ou anũsu, demonstra uma notável resistência linguística e cultural no Vale do Guaporé. A língua Katitãuhlu, apesar do intenso contato com o Português, mantém sua centralidade na vida familiar e ritualística, garantindo sua transmissão intergeracional e sobrevivendo em um regime de bilinguismo comunitário. A sua estrutura fonética, com um sistema de 54 vogais e a funcionalidade de quatro tons, demonstra uma complexidade que exige a continuidade dos estudos para o registro completo de suas nuances de nasalidade, glotalidade, laringalidade e tonalidade. A manutenção dessa singularidade linguística está diretamente ligada à luta pela demarcação territorial da Paukalirajausu.

Os estudos apresentados trazem contribuições para o campo da Linguística Indígena e fornecem subsídios vitais para o planejamento linguístico, visando a proteção e o fortalecimento dos aspectos identitários e culturais dos anũsu.

A resiliência observada no diagnóstico sociolinguístico sugere que a vitalidade do Katitãuhlu não é apenas um fato demográfico, mas um ato político de autodeterminação. A decisão da comunidade de manter o Katitãuhlu como língua de socialização primária, mesmo com o avanço do Português na escola e na interface regional, é uma forma de demarcação cultural e resistência à assimilação.

O bilinguismo da nova geração precisa ser encarado como uma força e não uma fraqueza. Ao dominar o Português, os jovens Katitãuhlu adquirem as ferramentas necessárias para negociar com a sociedade envolvente, desde a gestão de projetos de desenvolvimento até a defesa judicial de seu território, garantindo a longevidade da língua em um cenário de contato contínuo.

Do ponto de vista científico, a complexidade fonológica da língua, evidenciada pela vasta quantidade de vogais e pelo sistema tonal multifacetado, exige o

desenvolvimento de um material didático e de alfabetização específico e altamente detalhado. O material existente deve ser revisto para incorporar a riqueza de traços recentemente identificados (como os quatro tons), garantindo que a escrita represente fielmente a fala dos anũsu.

Recomenda-se que as futuras pesquisas se concentrem na morfologia e na sintaxe do Katitãuhlu, complementando o diagnóstico sociolinguístico e o trabalho fonético. O entendimento da morfologia verbal complexa é crucial para a produção de uma gramática descritiva que sirva de base para a formação de professores indígenas e a expansão do uso da língua na educação escolar. Tais medidas se enquadram na primeira etapa do planejamento linguístico, o equipamento das línguas, pois "o primeiro estágio desse equipamento é dar um sistema de escrita às línguas ágrafas" (CALVET, 2007, p. 63), seguido pela necessidade de dotar o léxico dos termos técnicos necessários para a expansão do seu uso.

Nesse sentido, trabalhos de descrição, documentação e revitalização de línguas minorizadas são de suma importância não apenas para a ampliação de estudos linguísticos, mas também, para a preservação de saberes socioculturais e de estruturas linguísticas que estão se perdendo, devido ao processo de obsolescência que muitas línguas indígenas brasileiras vêm passando. (TOLEDO; MIRANDA, 2021, p. 5).

A luta pelo território, especialmente a demarcação da Terra Indígena Paukalirajausu, é um fator externo determinante para a sobrevivência da língua. A garantia do território é a garantia do ambiente físico e cultural onde a língua pode ser praticada livremente, perpetuando os rituais, as narrativas e a transmissão oral, que são o verdadeiro reservatório da diversidade estrutural do Katitãuhlu.

REFERÊNCIAS

BORELLA, Cristina de Cássia. **Aspectos da morfologia verbal da língua Sararé.** In: CABRAL, A.; RODRIGUES, A. D. (Eds.). Actas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL. Belém: EDUFPA, 2002. p. 142-156. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aborela-2002-aspectos/Borela_2002_**AspectosDaMorfologiaVerbalSarare**.pdf. Acesso em: 1 dez. 2025.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SAVEDRA, Monica Maria Guimaraes. (Orgs.). **Mobilidades e contatos linguísticos no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2023.

KROEKER, H. Menno. **Gramática descritiva da língua Nambikuara**. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística – SIL, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (Obra original publicada em 1955).

OLIVEIRA, Sérgio Beck de Oliveira; QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Descrição preliminar dos sons fonéticos das vogais Katitãuhlu dos Anũsu do Sararé.** Revista Eletrônica Interdisciplinar, Barra do Garças – MT, v. 16, n. 2, 2024.

SESAI. Censo da Secretaria de Saúde Indígena. 2023.

TOLEDO, Beatriz Furlan.; MIRANDA, Camille Cardoso. **Por que documentar e descrever línguas?** A importância desses estudos para revitalização e fortalecimento de línguas indígenas brasileiras. Revista Articulação, Constituição, Saber, v. 6, p. 1–18, 2021.

ANEXO 1 – CENSO INDÍGENA PAUKALIJAUSU DO TERRITÓRIO SARARÉ

TERRA INDÍGENA SARARÉ E PAUKALIJAUSU	
ALDEIA	**POPULAÇÃO**
ALDEIA SARARÉ CENTRAL	**100**
ALDEIA FIGUEIRA	**20**
ALDEIA SERRA DA BORDA – ***(ALDEIA 6)***	**25**
ALDEIA SERRA DA BORDA	**25**
ALDEIA DA ONÇA ***(YANALILAJEXSU)***	**15**
ALDEIA PAUKALILA	**15**
TOTAL GERAL	**200**
TOTAL FAMILIAS	**45**

Fonte: Professora Sara Barros do Nascimento, reorganizado por Rita de Cássia Beck de Oliveira (2025).

ANEXO 2 - DIAGNÓSTICO SOCIOLINGUÍSTICO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS KATITÃUHLU

DESCRIÇÃO DA ALDEIA

1.Terra Indígena SARARÉ/PAUKALIRAJAUSU
2.Nome da aldeia SARARÉ
3. Município: CONQUISTA D'OESTE
4.População geral da aldeia : 200
5.Número de famílias da aldeia : 45
6.O que tem na minha aldeia (Instituições presentes)
Escola
Posto de saúde (FUNASA)
Quantidade de pessoas: 200

	Idade	Fala a língua materna ou não
Homens	13 a 50 anos	FALANTES DA LINGUA KATITÃUHLU
Mulheres	13 a 70 anos	FALANTES DA LINGUA KATITÃUHLU
Crianças	01 a 12 anos	FALANTES DA LINGUA KATITÃUHLU
Anciãos(ãs) Pedro Mateus, Armando, Ninita Linda Laura, Renata Maria Paquinha, Neuza, Clarice Deca	60 a 80 anos	FALANTES DA LINGUA KATITÃUHLU

PRÁTICAS CULTURAIS
7. Quais são as práticas culturais realizadas na aldeia (em que época/meses do ano?) Quem participa dessas práticas culturais?
1. FURAÇÃO DO NARIZ: PARA MENINOS EM IDADE ADOLESCENCIA, OS HOMENS FURAM O ACEPTO NASAL DO MENINO
2. FUNERAL: TODOS, EXCETO CRIANÇAS E MULHERES GRAVIDAS, espaço onde a língua ancestral é utilizada sem a intervenção da língua portuguesa
3. NASCIMENTO : PARTICIPANTES MULHERES
4. PARA CRESCIMENTO : MULHERES E CRIANÇAS DE ATÉ 5 ANOS
5. PARA GRAVIDEZ: O CASAL PINTA O CORPO COM AÇAFRÃO
LÍNGUA EM MOVIMENTO
1.Qual língua é mais falada na comunidade? LÍNGUA KATÃUHLU
2. Em que espaço(s) da aldeia a língua é falada? FAMILIARES, DI-A-DIA, NA ESCOLA, BRINCADEIRAS

3. Qual a situação de uso de sua língua materna na comunidade, em relação às:
a) Crianças: Falam a língua katitãuhlu e aprendem logo cedo a língua portuguesa
b) Anciãos e anciãs: Falam a língua katitãuhlu
c) Jovens e adolescentes : Falam a língua katitãuhlu e a língua portuguesa simultaneamente
d) Adultos: Falam a língua katitãuhlu e a língua portuguesa
e) Há pessoas monolíngues na língua materna em sua comunidade? Se há, quem são essas pessoas? Os monolíngues são os anciãos e as anciãs, num total de quatro pessoas monolíngues
f) Que língua é falada em casa, na sua comunidade? A língua KATITÃUHLU
g) E quanto ao uso da escrita da(s) línguas(s) em sua comunidade? Há material didático específico na língua materna? 1 MANUAL DE ALFABETIZAÇÃO produzido junto à comunidade Katitãuhlu, pelos pesquisadores professores, Sérgio beck de Oliveira, Rita de Cássia Beck de Oliveira e Sara Barros do Nascimento (2015).
h) Com quem você aprendeu a falar a língua materna? E a escrever na língua materna? FALA FOI COM A MÃE E O PAI e familiares. A escrita foi com os professores SERGIO, RITA E SARA.